

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Carla Julieta Roso Cabreira

**O Coelho Floriano e o Lobo:
produção de um artefato cultural**

Santa Maria, RS
2017

Carla Julieta Roso Cabreira

**O COELHO FLORIANO E O LOBO:
PRODUÇÃO DE UM ARTEFATO CULTURAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Educação Especial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do grau de **Licenciada em Educação Especial**.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Melânia de Melo Casarin

Santa Maria, RS
2017

Carla Julieta Roso Cabreira

**O COELHO FLORIANO E O LOBO:
PRODUÇÃO DE UM ARTEFATO CULTURAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Educação Especial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do grau de **Licenciada em Educação Especial**.

Aprovado em 05 de dezembro de 2017:

Melânia de Melo Casarin, Dr.^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Cláudia de Arruda Sarturi, Prof.^a Ms (UFSM)

Camila Righi Medeiros Camillo, Prof.^a Dd^a (UFSM)

Santa Maria, RS
2017

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho ocorreu, principalmente, pelo auxílio e compreensão de várias pessoas. Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a concretização desse sonho:

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e inteligência para superar todas as dificuldades e conseguir chegar onde hoje estou.

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) por ter me dado à oportunidade de realizar este curso.

Agradeço a minha orientadora, Melânia de Melo Cassarin, pela paciência, dedicação e ensinamentos que possibilitaram que eu realizasse este trabalho.

Agradeço ao meu marido, Joares, pessoa com quem amo partilhar a vida. Obrigada pelo carinho, a paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada semestre.

Ao meu irmão, Manolo Guilherme, por me incentivar e me fazer ver que tudo é possível basta a gente querer.

As minhas colegas, pelas alegrias e tristezas compartilhadas, por permanecermos unidas, nos apoiando e nos incentivando desde o primeiro semestre.

A minha querida amiga e colega Joselaine, pela força, por me acalmar nas horas de desespero, pelo chimarrão entre as escritas, enfim, pela maravilhosa amizade que construímos.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

“Escutá-las [as histórias] é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo...”

(Abramovich)

RESUMO

O COELHO FLORIANO E O LOBO: PRODUÇÃO DE UM ARTEFATO CULTURAL

AUTORA: Carla Julieta Roso Cabreira
ORIENTADORA: Melânia de Melo Casarin

A proposta do trabalho O Coelho Floriano e o Lobo: Produção de um Artefato Cultural é promover o acesso ao artefato cultural O Coelho Floriano e o Lobo; Refletir sobre o acesso das comunidades surdas a um artefato cultural coerente com a cultura surda e descrever as etapas vivenciadas na produção do livro O Coelho Floriano e o Lobo. Neste sentido, este estudo busca propiciar um maior conhecimento quanto a Escrita da Língua de Sinais como um artefato cultural legítimo e reconhecido pelas comunidades surdas. O embasamento teórico conta com autores que reverenciam à Cultura Surda e à Educação de Surdos, tais como Mourão (2011), Perlin e Miranda (2003) e Strobel (2008). Para a realização desse trabalho, numa perspectiva qualitativa de pesquisa, desenvolvi uma investigação descritiva. As análises foram sistematizadas através dos caminhos percorridos para a produção desse artefato nas categorias: ilustração, texto em língua portuguesa, escrita da língua de sinais, dramatização, diagramação, vídeo e dvd. O livro “O Coelho Floriano e o Lobo” busca promover o acesso do surdo à literatura, além de suscitar a sensibilidade imagética, já que possibilita uma interpretação mais fidedigna da história. Acredito que as categorias escolhidas para narrar e analisar a produção deste artefato conseguiram demonstrar detalhadamente todas as etapas até agora vividas, enfocando a importância de um artefato pensado sob a ótica da experiência visual e da acessibilidade.

Palavras-chave: Educação Especial. Artefato Cultural. Cultura Surda.

ABSTRACT

THE FLORIAN RABBIT AND THE WOLF: PRODUCTION OF A CULTURAL ARTIFACT

AUTHOR: Carla Julieta Roso Cabreira

ADVISER: Melânia de Melo Casarin

The proposal of the work Coelho Floriano and Lobo: Production of Cultural Artifact and to promote access to the cultural artifact Coelho Floriano and Lobo; Reflect on the access of the communities in a cultural artifact coherent with a culture and a description as stages experienced in the production of the book The Coelho Floriano and the Wolf. In this sense, this study seeks a new knowledge about a Sign Language Writing as a cultural artifact that is legitimate and recognized by communities in Brazil. The theoretical background relies on authors who revere the Deaf Culture and Education of the Deaf, such as Mourão (2011), Perlin and Miranda (2003) and Strobel (2008). To carry out this work, in a qualitative perspective of research, I developed a descriptive research. As analysis were systematized through the paths covered for the production of artifact in the categories: illustration, text in Portuguese language, sign language writing, dramatization, diagramming, video and dvd. The book "The Coelho Floriano e Lobo" seeks to promote access to the market, as well as to raise the image sensitivity, since it allows a more accurate interpretation of history. I believe that as statistics to narrate and analyze the production of this artifact was able to demonstrate in detail all the steps that have been taken so far, focusing on the importance of an artifact conceived from the perspective of visual experience and accessibility.

Key words: Special Education. Cultural Artifact. Culture Surda.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Negrinho e Solimões	15
Figura 2 – Mamíferos Brasileiros em Extinção, volumes 1, 2 e 3	16
Figura 3 – O Pequeno Príncipe – capítulo I.....	16
Figura 4 – Ilustrações do livro	24
Figura 5 – Imagens desta produção	26
Figura 6 – Esboço inicial para a maquiagem dos personagens.....	27
Figura 7 – Imagem 1 do processo de produção	29
Figura 8 – Imagens 2 do processo de produção	29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1	CULTURA SURDA	17
2.2	O QUE SÃO ARTEFATOS CULTURAIS?	18
2.2.1	Artefato cultural: experiência visual	18
2.2.2	Artefato cultural: linguístico	19
3	METODOLOGIA	21
4	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	23
4.1	CAMINHOS TRAÇADOS PARA A PRODUÇÃO DO LIVRO O COELHO FLORIANO E O LOBO	23
4.1.1	Das ilustrações	23
4.1.2	Do texto em língua portuguesa	25
4.1.3	Da escrita da língua de sinais.....	26
4.1.4	Da dramatização	27
4.1.5	Da diagramação	28
4.1.6	Vídeo e DVD	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	33
	APÊNDICE A – PRIMEIRA VERSÃO DO TEXTO O COELHO FLORIANO E O LOBO	34
	APÊNDICE B – PROCESSO DE PRODUÇÃO DA ELS	35
	APÊNDICE C – PROCESSO DE DIAGRAMAÇÃO	37

1 INTRODUÇÃO

Ao falar sobre a educação de surdos, atualmente, não podemos nos furtar de discutirmos sobre alguns pontos fundamentais, tais como educação bilíngue, desenvolvimento das línguas de sinais e cultura surda.

Como acadêmica do sétimo semestre do Curso de Educação Especial e bolsista do projeto Mãos Livres/UFSM desde o mês de agosto, pude, efetivamente, observar e vivenciar valores da cultura surda. O ingresso, nessa cultura, levou-me a pesquisar mais sobre os artefatos culturais, o que me fez perceber quão poucas são as produções de Escrita da Língua de Sinais, (ELS), que é um dos aspectos promotores de inclusão das comunidades surdas, que foram contemplados na Produção do Livro.

Esta realidade instigou-me a pensar na temática do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no qual pretende propiciar um maior conhecimento quanto a ELS, como um artefato cultural legítimo e reconhecido pelas comunidades surdas. Por esta razão, optei por descrever sobre a produção do livro “O Coelho Floriano e o Lobo”, que traz entre as suas características a escrita da narrativa em ELS, apresentando-se como um dos artefatos culturais contemporâneos pertinentes à cultura surda.

Considerando a minha aproximação com a cultura surda a partir da participação no Projeto Mãos Livres entendo ser importante nesse momento fazer um breve histórico sobre minha vida e sobre minha escolha pelo Curso de Educação Especial.

Nasci em Santa Maria-RS, filha de uma dona de casa e de um funcionário público, cresci em uma família grande, com 5 irmãs e dois irmãos. No ano de 1993, exatamente no dia de meu 20º aniversário, eu ganhei um presente que veio para mudar minha vida. Nesse dia nasceu Shannon, minha sobrinha, que já chegou chamando a atenção de toda a família, nasceu com Hidrocefalia e Mielomenogocela. Ela cresceu e se tornou uma menina muito esperta e inteligente. Tínhamos uma relação muito forte, e com ela tive o meu primeiro contato com uma criança especial e cada momento que passamos juntas foi um aprendizado.

Anos mais tarde, fui trabalhar em uma casa, como cuidadora de uma criança com Síndrome de Down. Cuidei dela por cerca de 8 anos e aprendi muito com ela. Nesse tempo, percebi a dificuldade que tanto a minha família, quanto a família da

menina de quem eu cuidava tinham de conseguir escola, transporte e uma pessoa para acompanhar a criança, em sala de aula.

No ano de 1998, fiz minha primeira tentativa de vestibular para o Curso de Educação Especial, na UFSM. Não fui aprovada, o que me desmotivou muito. Neste espaço de tempo, trabalhei, casei e tive filhos, mas o desejo de ser educadora especial permaneceu até que, em 2013, tentei o vestibular pela segunda vez e fui aprovada.

Minha trajetória como acadêmica fez com que a minha decisão de ser educadora se fortalecesse. Isso aconteceu dentro do curso, quando conheci algumas áreas, dentre elas a Educação de surdos. Já no primeiro dia de estágio na Escola Estadual de Educação Especial Doutor Reinaldo Fernando Cóser, onde pude me deparar com a Escrita da Língua de Sinais, conhecida como (ELS), fiquei deslumbrada, e, mais tarde, quando surgiu a oportunidade de participar do projeto e acerca da produção de um livro de narrativa em língua portuguesa e em ELS, não tive dúvidas, sobre a escolha que havia feito tanto no curso quanto no tema do TCC.

O Curso de Educação Especial me proporcionou uma grande transformação como pessoa e acredito ter crescido muito ao longo dessa trajetória. Houve muitos momentos difíceis, mas sempre pude contar com a ajuda das colegas e dos professores e, hoje estou aqui, mais forte do que nunca e certa de que aproveitei ao máximo da minha faculdade. Agora só esperando para me formar e, quanto aos meus estudos, eles com certeza não param por aqui, pois alguns projetos estão a minha espera e minha caminhada só está começando!

A partir dessas escolhas de vida pessoal e acadêmica e diante da proposta deste TCC, apresento a seguir os objetivos da pesquisa.

Objetivo Geral

Apresentar a produção do livro O Coelho Floriano e o Lobo numa perspectiva de produção cultural surda.

Objetivos Específicos

- Promover o acesso ao artefato cultural O Coelho Floriano e o Lobo;

- Refletir sobre o acesso das comunidades surdas a um artefato cultural coerente com a cultura surda;
- Descrever as etapas vivenciadas na produção do livro “O Coelho Floriano e o Lobo”.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sabe-se que a Literatura surgiu há muito tempo, antes mesmo da escrita, por meio da oralidade, dos relatos passados de geração para geração por diferentes países. No Brasil, considera-se que a literatura se iniciou com A Carta de Pero Vaz de Caminha, falando sobre o descobrimento do Brasil no séc. XVI. Esta carta continha informações sobre as primeiras impressões que os portugueses tiveram a respeito da natureza e dos índios.

Nos séculos seguintes, surgiram diferentes movimentos literários. No séc. XVII, surge o Barroco, com uma linguagem rebuscada, uso da antítese e jogo de palavras. Os representantes deste movimento foram Gregório de Matos e Padre Antônio Vieira. No séc. XVIII aparecem os primeiros textos referentes ao Arcadismo, movimento literário que tem como uma das características principais o culto da natureza. Seus representantes foram Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Cláudio Manuel da Costa. No séc. XIX surge o Romantismo, com o sentimentalismo, a supervalorização do amor e a idealização da mulher. Seus principais representantes foram Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e José de Alencar. Atualmente, temos várias obras de Monteiro Lobato, Mario Quintana, Carlos Drummond de Andrade, entre tantos outros que deixaram suas obras disponíveis na Literatura Nacional. Podemos perceber que a literatura abrange um conjunto de contos de fadas, poemas, piadas, crônicas, contos, mitos, lendas e outros gêneros.

Diferentemente da literatura ouvinte, a literatura surda não possui registros antigos, pois o seu registro só começou a ser possível a partir do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – (LIBRAS) e do desenvolvimento tecnológico, que possibilitou formas visuais de registro dos sinais.

Segundo Mourão (2011, p. 23), a Literatura Surda surgiu “em associações de surdos, em encontros entre surdos, em bares, colônias de férias, escolas de surdos, etc”. O autor complementa dizendo que “Nesses lugares, os surdos se encontram para bate-mãos, conversam sobre costumes em várias localidades, sobre suas experiências, contam histórias”. É dentro das comunidades surdas, ao contar suas histórias, que os surdos passam para outros surdos, de outras comunidades, a sua cultura surda, que vai se disseminando por todo o país, propiciando um olhar da cultura surda, por meio da tradução para outros países, não somente para o

povo surdo, como também para os ouvintes, através da tradução para as línguas faladas.

A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda conta com a língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, pelas lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais (KARNOPP, 2008, p. 14-15).

Assim como a narrativa ouvinte é vista como uma possibilidade onde todos que a ouvem podem se emocionar, refletir e criar mil maneiras de pensar, as narrativas das comunidades surdas também emocionam e fazem rir, só que de uma maneira diferente, já que são histórias contadas em língua de sinais, pois os surdos ouvem com os olhos e é através do olhar que eles podem sentir e entender a história. A literatura surda, além de relevante para o processo de alfabetização, também permite cultivar questões inerentes à identidade, cultura e subjetividade. O que é de fundamental importância para as crianças e jovens, pois permite um desenvolvimento afetivo, social e cognitivo mais apurado e ajustado as diferenças surdas.

A Literatura Surda traz narrativas do povo surdo, seus processos sociais, suas práticas discursivas que circundam em inúmeros lugares e em tempos diferentes. O envolvimento que as comunidades surdas compartilham não é somente interno à comunidade, mas também externos, com comunidades ouvintes, por meio da cooperação tanto de sujeitos ouvintes, quanto de sujeitos surdos.

Sabe-se que a literatura favorece o desenvolvimento humano, não só o desenvolvimento social, como também o individual. Ela transforma a realidade, pois proporciona a reflexão do real e suscita à criança a busca de uma conquista de seus desejos. A literatura é um instrumento que transmite conhecimento e tem o importante papel de conservar a cultura de uma comunidade.

A língua de sinais é uma língua viso-espacial, que explora o visual, por isso a importância da literatura surda conter ilustrações que chamem a atenção das crianças e facilitam sua compreensão, não só de crianças surdas, mas de ouvintes também. Desta forma, a imagem tem a função de estimular o interesse da criança na narrativa contida no livro. O leitor participa ativamente da construção de sentido da

história ao preencher as lacunas de significados, com base nas pistas visuais presentes nas imagens.

Conforme já foi dito anteriormente, os surdos têm acesso ao mundo pelo olhar. Neste sentido, a língua de sinais, que é visual/espacial, exerce para elas a mesma função que a língua portuguesa, na modalidade oral, tem para os ouvintes. Conseqüentemente, por estarem inseridos numa sociedade de maioria ouvinte, os surdos sofrem influência da língua majoritária, ainda que possam ter dificuldades acentuadas na compreensão e uso da mesma.

Recentemente, usuários da Língua Brasileira de Sinais têm utilizado a escrita dessa língua em seu cotidiano. O sistema de escrita que está sendo difundido para escrever a língua de sinais é o Sign Writing – SW. Essa escrita expressa as configurações de mãos, os movimentos, as expressões faciais e os pontos de articulação das línguas de sinais. O SW foi um fato importantíssimo para o povo surdo, pois, antigamente, diziam que a língua de sinais era ágrafa. Em 1974, pesquisadores de Língua de Sinais da Dinamarca se depararam com o sistema de escrita de danças de Valerie Sutton, o que deu início ao SW. A partir daí, desencadeou-se cada vez mais pesquisas em outros países até que chegaram a algumas escolas do Brasil.

No Brasil, a pesquisa desse sistema de escrita ELS foi desenvolvida pela doutora surda Marianne Stumpf, juntamente com outros profissionais da área, em 1996. Neste país, este sistema é conhecido como Escrita da Língua de Sinais (ELS). A escrita apresenta possibilidades de expressar os recursos gramaticais desta língua, bem como suas modulações visuais-especiais incorporadas nos sinais e no discurso. Atualmente, alguns cursos de graduação de determinadas universidades federais do Brasil já apresentam disciplinas de ELS. Um bom exemplo disso é o fato de que os cursos de licenciatura de Letras/LIBRAS já utilizam esta disciplina em alguns polos do Brasil. O Curso de Letras-Libras iniciou-se em 2006 e foi ofertado por 9 polos. Em 2008, criou mais um novo curso Bacharelado de Letras-Libras (formação para Interpretes/Tradutores de Libras) e licenciatura e foi ofertado por 15 polos. Em 2014, foi ofertado 3 polos. Na UFSC funcionam presencialmente os dois cursos.

Sabe-se que o registro escrito é uma condição imprescindível para a consolidação de uma língua e de uma cultura, assim, a Escrita da Língua de Sinais trouxe essa possibilidade para o povo surdo. O sistema ELS veio para possibilitar a

língua de sinais uma outra condição que não a de língua ágrafa. Sendo assim, este sistema de escrita tem auxiliado na inserção efetiva de pessoas surdas no universo letrado.

Alguns autores brasileiros, tais como Lodenir Becker Karnopp, Carolina Hessel e Fabiano Rosa fizeram adaptações de livros de literatura clássica da língua portuguesa para a língua de sinais em forma impressa. Podemos citar títulos como: Cinderela Surda, Rapunzel Surda, Patinho Surdo e Adão e Eva.

Deste modo, a literatura infantil tem contribuído para a inclusão do aluno surdo, respeitando sua diferença de forma prazerosa, onde eles podem usufruir dos novos conhecimentos oferecidos, de maneira lúdica, ampliando o universo cultural da criança surda, bem como da criança ouvinte.

Cito como exemplo de literatura recente neste formato o livro **Negrinho e Solimões**, da autora Tatyana Monteiro. O livro foi publicado em 2014, é narrado em língua portuguesa e em ELS. Outro exemplo é a **Coleção Mamíferos Brasileiros em Extinção**, lançada no dia 17 de Outubro de 2017, pelo Projeto Mãos Livres/UFMS, versão Libras. A capa dos dois livros podem ser vistas nas figuras 1 e 2.

Figura 1 – Negrinho e Solimões



Fonte: Autor

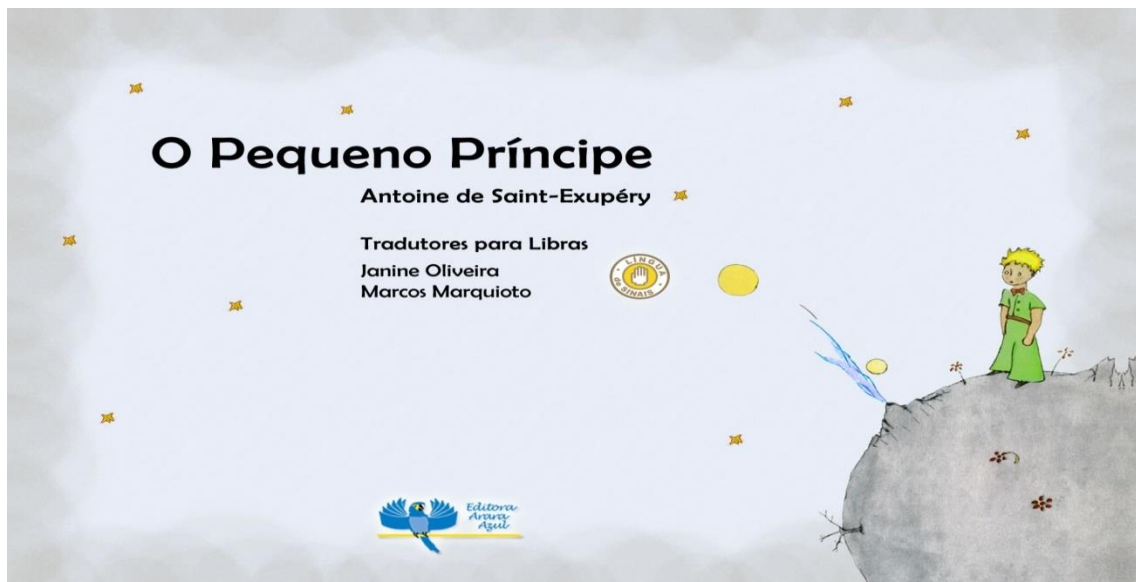
Figura 2 – Mamíferos Brasileiros em Extinção, volume 1, 2 e 3



Fonte: <https://www.facebook.com/projetomaoslivres/>

Além de livros impressos, a literatura surda também é encontrada em outros tipos de formatos. Suas narrativas têm sido gravadas em DVD, CD-ROOM, vídeos e em livros digitais. Um bom exemplo disso é a coleção de livro **O Pequeno Príncipe**, de Antoine de Saint-Exupéry, adaptado por Janine Oliveira e Marcos Marquoto para Libras. O livro é da Editora Arara Azul e está dividido em 13 capítulos. Na figura 3 pode ser observada uma imagem da capa do livro.

Figura 3 – O Pequeno Príncipe – capítulo I



Fonte: <http://editora-arara-azul.com.br/site/produtos/detalhes/85>

A tecnologia também tem auxiliado a disseminar a literatura surda ao possibilitar a interação dos sujeitos surdos, difundindo registros de vídeos e outros materiais que promovem a língua de sinais, através de *tablets*, *smartphones*, *pen-drives*, internet, entre outros.

2.1 CULTURA SURDA

A cultura não está relacionada apenas à etnia, à nação ou à nacionalidade, mas também como um lugar de direitos coletivos, para a definição particular de um grupo.

Strobel (2008) compreende a cultura surda da seguinte forma:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo (STROBEL, p. 24).

Porém, Hall (1997) ressalta:

O que aqui se argumenta, de fato, não é que "tudo é cultura", mas que toda prática social depende e tem relação com o significado: conseqüentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural. Não que não haja nada além do discurso, mas que toda prática social tem o seu caráter discursivo (HALL, p. 13).

A maneira de vida dos surdos, seja em seus territórios ou regiões, seja em suas práticas, seus discursos feitos em sua própria língua ou em outras, se propaga, produz e consome, assim como as comunidades surdas que compartilham suas vivências e suas diferenças entre as fronteiras. A forma especial de o surdo ver, perceber, estabelecer relações e valores devem ser empregadas na educação dos surdos, isto é, deve ser incluída na sua educação, em conjunto com os valores culturais da sociedade ouvinte, já que juntos, surdos e ouvintes formam a sociedade.

Ao adentrar na cultura surda por uma perspectiva de apropriação, a literatura em língua de sinais pode ser usada como uma ferramenta eficaz para potencializar o desenvolvimento desses sujeitos. Sabe-se que, desde a antiguidade, narrativas como histórias, contos, fábulas e etc atraem não só as crianças, mas também os

adultos. É nesse mundo da leitura, que se encontra entre o real e o imaginário, que as crianças vão desenvolvendo suas funções cognitivas. Tendo isso em vista, o presente trabalho tem como objetivo promover o acesso ao artefato cultural O Coelho Floriano e o Lobo e refletir sobre o acesso das comunidades surdas a um artefato cultural coerente com a cultura surda.

2.2 O QUE SÃO ARTEFATOS CULTURAIS?

Para Strobel (2008, p. 37), o conceito de artefato “[...] não se refere apenas ao materialismo cultural, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo”. É possível inferir que artefatos culturais são as peculiaridades da cultura surda, são representações sobre como é o surdo. Mourão (2011, p. 45) completa: “A cultura que caracteriza um local, onde convivem os sujeitos, é construída nos processos sociais e práticas discursivas, através dos artefatos culturais”.

Eis alguns dos artefatos culturais mais importantes que ilustram a cultura do povo surdo: experiência visual, linguístico, familiar, literatura surda, vida social e esportiva, artes visuais, política e materiais. Para este estudo científico abordarei os seguintes artefatos: Experiência Visual e o Artefato Linguístico.

2.2.1 Artefato cultural: experiência visual

É por meio da experiência visual que os sujeitos surdos percebem o mundo de um jeito diferente. Os sujeitos surdos interpretam as circunstâncias visualmente, de modo que é por meio dessas experiências que eles constroem significados e se relacionam com as coisas ao seu redor. De acordo com Strobel (2008):

Os sujeitos surdos, com a sua ausência de audição e de som, percebem o mundo através de seus olhos, tudo o que ocorre ao redor dele: desde os latidos de um cachorro – que é demonstrado por meio dos movimentos de sua boca e da expressão corpóreo-facial bruta – até de uma bomba estourando, que é óbvia aos olhos de um sujeito surdo pelas alterações ocorridas no ambiente, como os objetos que caem abruptamente e a fumaça que surge (STROBEL, p. 39).

Perlin e Miranda (2003) complementam esta fala de Strobel (2008):

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total da audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico (PERLIN e MIRANDA, p. 218).

A experiência visual é fundamental entre os pares surdos, pois é parte integrante de sua constituição, é o meio pelo qual se expressam e se comunicam. O surdo necessita se reconhecer como sujeito surdo, ele precisa aprender a língua de sinais para se comunicar e é somente pelo intermédio do olhar que ele conseguirá esses objetivos.

2.2.2 Artefato cultural: linguístico

Strobel (2008) afirma que a língua de sinais é fundamental, sendo um dos mais importantes aspectos da cultura surda. Também estão incluídos os gestos denominados sinais emergentes, isto é, sinais caseiros dos sujeitos surdos que vivem no meio rural ou sujeitos surdos que vivem isolados das comunidades surdas. Através da experiência visual, tais sujeitos procuram dialogar com o mundo a sua volta e buscam, através da indicação com a mão ou criando sinais, se comunicarem.

É fundamental que o sujeito surdo crie uma ligação com a comunidade surda que usa a língua de sinais como meio de comunicação, já que é por intermédio dessa ligação que o ele terá acesso ao conhecimento e construirá sua identidade surda.

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição do seu conhecimento universal (STROBEL, 2008, p. 44).

A língua de sinais permite ao surdo maior mobilidade e fluidez nas formações discursivas, assim como fornece subsídios que o ajudam na constituição de suas identidades frente às diferenças culturais e indenitárias ouvintes, sendo decisiva na elaboração das formações discursivas dos surdos e de tantas outras construções iminentes ao ser humano.

Os sujeitos surdos que conseguem ter acesso à língua de sinais e participar da comunidade surda são mais seguros, têm mais autoestima, além

de uma identidade mais sadia. Daí a importância de as crianças surdas terem contato com a língua de sinais o quanto antes, de conviverem com adultos surdos e criarem um vínculo identitário cultural. Esse contato possibilita que a criança surda se desenvolva no mesmo nível que uma criança ouvinte, a diferença está no tipo de dificuldades encontradas ao longo de sua aprendizagem.

3 METODOLOGIA

O período de estágio no campo da Educação de Surdos foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Foi através do estágio que me interessei pela ELS, fato que culminou com a possibilidade de estudar e investigar sobre a produção do livro *O Coelho Floriano e o Lobo*, no período que atuei como bolsista do Projeto Mãos Livres.

Ao longo do ano de 2017, o Projeto Mãos Livres realizou diversas produções culturais surdas, tais como: *A lenda do Pardal*, *A lenda da Mandioca contada por Mani*, *A Lenda do Umbu*, *Rapunzel*, *Branca de Neve*, *A História de Gabrielle*, *Como Surgiu a Bicicleta e o Elevador*. Através de todo esse acervo surgiu o interesse de produzir um livro infantil, enfocando aspectos que marcam as produções do Projeto Mãos Livres e a narrativa em ELS. Foi desta maneira que surgiu a produção do livro *O Coelho Floriano e o Lobo*.

Como pesquisadora e bolsista deste Projeto, vivenciei diversas experiências no que diz respeito ao estudo e à elaboração do artefato *O Coelho Floriano e o Lobo*. Particpei das reuniões de estudo e planejamento do livro, das filmagens de interpretação e de dramatizações em Libras sobre as narrativas. Também estive presente na criação dos sinais dos personagens em Libras e em ELS, assim como na tradução da narrativa de português para o ELS.

Para a realização desse trabalho numa perspectiva qualitativa de pesquisa desenvolvi uma investigação descritiva. Na pesquisa qualitativa o investigador mantém um contato direto com o que envolve o objeto pesquisado, onde é feita uma coleta de dados com o objetivo de interpretar, compreender os significados e as características socioculturais e históricas apresentadas pelo sujeito da pesquisa, ou objeto dela.

De acordo com os estudos de Silva e Menezes (2000, p. 21), “a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Os autores ainda destacam que este tipo de pesquisa “Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática”.

Durante a investigação, usei como instrumento de pesquisa a observação participante, diários de campo, fotografias e vídeos para interagir de forma investigativa junto ao processo de produção do artefato. Como afirma Godoy (1995,

p. 27), “na observação participante, o observador deixa de ser o espectador do fato que está sendo estudado. Nesse caso, ele se coloca na posição dos outros elementos envolvidos no fenômeno em questão”.

É possível perceber que essas características apontam para um estudo que se preocupa com a reformulação constante dos seus pressupostos. O pesquisador usa uma variedade de fontes para a coleta de dados, os quais são colhidos em vários momentos, situações e diferentes tipos de sujeito durante a pesquisa.

A partir da delimitação do objeto a pesquisar e dos instrumentos de coleta descritos até este momento, passo a apresentar a análise propriamente dita da investigação que diante da natureza do estudo apresenta um deslocamento muito tênue da metodologia de trabalho.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

4.1 CAMINHOS TRAÇADOS PARA A PRODUÇÃO DO LIVRO O COELHO FLORIANO E O LOBO

O livro "O Coelho Floriano e o Lobo" descreve a história fictícia de Floriano, um coelho que perde sua casa para o lobo, e vai procurar ajuda de seus amigos, os quais, revoltados, saem para ajudá-lo. O livro apresenta páginas inteiras de ilustrações coloridas que contribuem para uma experiência visual bastante significativa para as crianças, em especial para os sujeitos surdos. A história é narrada em língua portuguesa e em Escrita de Língua de Sinais. Existe uma proposta de dramatização (que será produzida em março/abril de 2018), que visa proporcionar ao leitor surdo ou ouvinte uma interpretação mais eficaz e fidedigna da narrativa.

4.1.1 Das ilustrações

Quanto às ilustrações, posso contar que se trata de uma situação muito especial, pois as ilustrações do livro O Coelho Floriano e o Lobo foram feitas pela Professora Ms. Marieta Vianna Hoffmann, quando a mesma atuou como professora no curso de Educação Especial e ministrou várias disciplinas no campo da educação dos surdos. A professora Marieta era apaixonada por literatura e desenvolvia importantes pesquisas no Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Especial (NEPES).

A Professora Melânia de Melo Casarin recebeu da Coordenadora do NEPPES, Marlei Mainardi, algumas ilustrações que faziam parte do acervo do antigo Centro de Atendimento Educacional em Educação Especial (CACEE), portanto, motivada por suas recordações, pesquisou sobre esses artefatos e, para sua surpresa, descobriu que estes foram ilustrados pela professora Marieta. Diante disso, resolveu se lançar neste novo desafio de publicar um livro ilustrado pela sua mestra em 1980. As ilustrações podem ser observadas na figura:

Figura 4 – Ilustrações do livro



Fonte: Autor

4.1.2 Do texto em língua portuguesa

A produção da narrativa foi realizada pela professora Melânia, que utilizou imagens coloridas e um vocabulário simples, respeitando a perspectiva da experiência visual, que objetiva facilitar a compreensão dos leitores surdos infantis. A narrativa se constitui de pequenas frases que estão dispostas abaixo das ilustrações. A produção textual passou pela análise dos surdos pertencentes ao grupo do Projeto Mãos Livres, sendo alterada algumas vezes, pois para o leitor ouvinte é fácil entender quando algo fica subentendido, mas para os leitores surdos não, por isso foi preciso acrescentar, trocar ou retirar algumas palavras visando facilitar o processo de leitura para os sujeitos surdos.

Na perspectiva de promover a produção de um artefato acessível a todos, pensou-se também em oportunizar a escrita da Língua Portuguesa numa legenda, com fundo preto e a escrita em amarelo, possibilitando, assim, que as pessoas com baixa visão também tenham acesso ao artefato. A narrativa completa foi transcrita em Língua Portuguesa abaixo:

O COELHO FLORIANO E O LOBO

O coelho Floriano vivia muito feliz em sua casa.

Numa manhã um Lobo bateu em sua porta pedindo comida. Parecia simpático e cansado então Floriano lhe convidou para entrar e lhe ofereceu um prato de sopa. Mas, de simpático o lobo não tinha nada, muito rude mandou o coelho embora de sua própria casa.

Chorando e muito triste o coelho saiu pela estrada a fora e contou o que aconteceu aos seus amigos a gata Misha e o burro Juvenal. A gatinha Misha sensibilizada foi até a casa para resolver a situação, quando chegou a casa assustou-se, pois viu o Lobo na janela da casa. O lobo foi muito mau e bateu com a bengala em Misha. O lobo falou a Misha que ela não podia mais vir, porque agora essa casa é dele. A gata não acreditou no que Lobo disse. O lobo pegou a bengala e Misha correu.

A Gata Misha encontrou o Floriano na rua próxima a casa dele e o Coelho contou o que tinha acontecido. Depois o burro Juvenal viu que os amigos estavam chorando. Juvenal também não aceitou que o coelho ficasse sem a sua casa então, foi à procura do Lobo. Mais uma vez o Lobo se comportou de forma muito maldosa e escorraçou o burro. O Lobo bateu com a bengala em Juvenal e o burro saiu com tanta dor que foi impossível conversar com o Lobo.

Diante de tal situação Juvenal carregou em seu lombo a Misha e o Floriano a procura de ajuda. Depois de um bom tempo de viagem eles encontram o cachorro Valente. Valente ao saber do acontecido vai até a casa de Floriano e com muita bravura expulsou o lobo.

4.1.3 Da Escrita da Língua de Sinais

A tradução da narrativa da língua portuguesa para o ELS foi feita pelo colaborador surdo Rubens Baretta, a convite da professora Melânia. Para que esse recurso fosse inserido na narrativa, a partir do texto em língua portuguesa, foram necessários vários encontros, onde ocorrem inúmeros debates, principalmente entre os surdos. Esses encontros se estendiam por horas até que os colaboradores surdos chegassem a um consenso para a escrita em ELS. Para dar sinais aos personagens, eles analisavam as imagens do livro, a fim de perceber alguma característica peculiar de cada um deles. Logo que eram escolhidos os sinais, Rubens imediatamente os esboçava em ELS. A interação do grupo durante as reuniões era muito grande, tanto entre os surdos com surdos, como surdos com ouvintes.

Figura 5 – Imagens desta produção

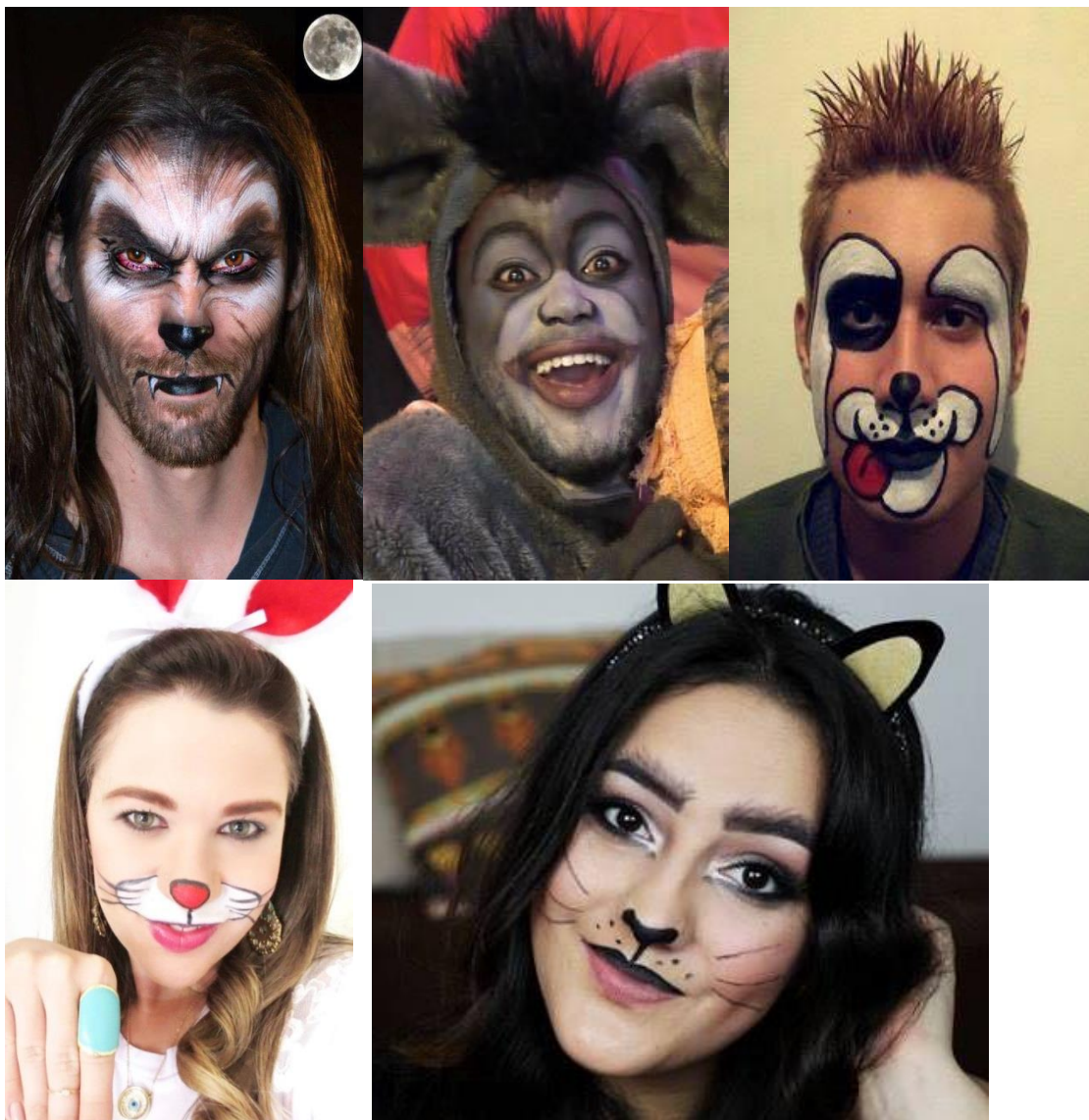


Fonte: Autor

4.1.4 Da dramatização

A dramatização será feita futuramente pelo grupo de surdos pertencentes ao Projeto Mãos Livres. Para a construção dos personagens, foi necessária uma grande pesquisa inicial, quanto à maquiagem a ser feita nos atores, especialmente no que diz respeito à fisionomia dos animais. Também foi realizado um estudo das expressões faciais, linguagem corporal e características físicas dos animais, para que os atores pudessem incorporar cada um desses personagens. Essa fase da produção ocorrerá a partir de março de 2018.

Figura 6 – Esboço inicial para a maquiagem dos personagens



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/575053446152503157/?lp=true>

Os estudos que foram realizados forneceram elementos suficientes para o personagem criar vida própria na imaginação de quem está assistindo. Isso vai ao encontro com o que diz Mourão (2011, p. 99): “Os recursos expressivos e estéticos em língua de sinais se juntam às ilustrações, em geral para atrair a atenção tanto de crianças surdas, quanto de adultos, sem precisar de legendas”.

4.1.5 Da diagramação

A pessoa responsável pela diagramação foi Sibeles Scaramussa. Formada em Desenho Industrial pela UFSM, ela é colaboradora do Projeto Mãos Livres. Importante lembrar que, em se tratando de um artefato apresentado em formato impresso com o recurso em ELS, a diagramação deverá disponibilizar uma página em que a escrita em SW tenha uma interface gráfica no sentido vertical.

O livro “O Coelho Floriano e o Lobo”, sendo um artefato voltado às comunidades surdas, apresenta as ilustrações em páginas inteiras e coloridas, contribuindo com uma experiência visual, despertando, no leitor surdo infantil, a sensibilidade imagética, assim como as experiências sentidas e vivenciadas por ele a partir da leitura.

Em uma das últimas reuniões foram discutidos alguns ajustes, tais como: alterações de alguns sinais e decidir a cor da fonte da letra da narrativa. Também foram dadas algumas sugestões, como por exemplo: colocar somente a ficha técnica no início do livro, colocar no final as fotos dos personagens pintados, ao lado das imagens em ELS, assim o leitor saberá quem foi o personagem que interpretou tal animal e etc. As imagens disponíveis nas figuras 7 e 8 ilustram essa etapa do processo de produção:

Figura 7 – Imagem 1 do processo de produção



Fonte: Autor

Figura 8 – Imagens 2 do processo de produção



Fonte: Autor

4.1.6 Vídeo e DVD

Atualmente, o vídeo e o DVD estão em processo de construção, com lançamento previsto para maio de 2018.

Além das descrições e análises que apresentei até agora, chamo a atenção para a interação do grupo durante as reuniões, tanto entre os surdos quanto, entre surdos e ouvintes, algo que se constitui como positivo para mim, no desenvolvimento desse trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que as crianças compreendem a narrativa através da contação de histórias, mas percebemos que para os alunos surdos isso é mais difícil, já que os desafios são muito maiores do que simplesmente contar, em língua oral, um conto. Narrar uma história às pessoas surdas exige um artefato ricamente ilustrado, que conte com o auxílio de Libras.

Pensando por esse viés, o Projeto Mãos Livres/UFSM produziu o livro “O Coelho Floriano e o Lobo”. Acredito que as categorias escolhidas para descrever e analisar a produção deste artefato conseguiram demonstrar detalhadamente todas as etapas vivenciadas até então, mostrando a importância de um artefato pensado sob a ótica da experiência visual e da acessibilidade.

Cabe ressaltar que a narrativa do livro baseada nas ilustrações visam promover maior compreensão e interpretação do sujeito surdo, além de estimular e satisfazer a curiosidade desta pessoa

A participação dos colaboradores surdos foi amplamente desenvolvida e estimulada nas ações do projeto, já que eles foram os responsáveis por dar os sinais aos personagens. É importante salientar que eles preocuparam-se em escolher sinais levando em consideração as características pessoais de cada um dos personagens. Depois, eles ainda se dedicaram a passar a narrativa do português para o ELS.

Após sua publicação, prevista para maio de 2018, o artefato cultural analisado será acessível a todos os leitores, sejam eles surdos ou ouvintes, adultos ou crianças. O livro está sendo produzido com os seguintes recursos de acessibilidade: escrita em Língua Portuguesa, registrada em fundo preto com letras em amarelo, facilitando a leitura do interlocutor com baixa visão; em ELS, em vídeo e com narrativa dramatizada em Libras. As ilustrações são grandes e coloridas, o que provoca o interesse de seus leitores, além disso, este enfoque visual é um instrumento muito importante para a construção do conhecimento do sujeito surdo, visto que permite cultivar questões inerentes à identidade, cultura e subjetividade surdas.

É através da língua que nos constituímos plenamente como seres humanos. É por meio dela que construímos nossas identidades, que nos comunicamos, que compartilhamos e adquirimos informações que nos possibilitam compreender o

mundo que nos rodeia. Nesta perspectiva, a língua de sinais é de suma importância para o pleno desenvolvimento dos sujeitos surdos e é um dos aspectos mais importantes da cultura surda. É por meio dela que os surdos criam ligações com outros surdos, que eles têm acesso ao conhecimento e se reconhecem como pertencentes à comunidade surda. Além de torná-los independentes e autoconfiantes, o uso de Libras amplia e promove acessos a novos conhecimentos. Ademais, ela possibilita que a criança surda tenha a oportunidade de se desenvolver de forma análoga a das crianças ouvintes.

Visto que os surdos percebem o mundo através de suas experiências visuais e estas percepções ocupam papel central nas experiências de suas aprendizagens, o livro *O coelho Floriano e o Lobo busca*, através de sua narrativa em ELS, da dramatização em Libras e das ilustrações coloridas, promover o acesso do surdo à literatura, além de suscitar a sensibilidade imagética, também possibilita uma interpretação mais fidedigna da narrativa.

REFERÊNCIAS

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p.20-29, 1995. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/66104133/Pesquisa-Qualitativa-Tipos-Fundamentais>>. Acesso em: 19 set. 2017.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura Surda**. Material elaborado para uso na disciplina “Introdução aos Estudos Literários”, do curso de Licenciatura em Letras-Libras, na modalidade a distância. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf>. Acesso em: outubro de 2017.

MOURÃO, Cláudio. **Literatura Surda**: produções culturais de surdos em Língua de sinais. Porto Alegre, 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2011.

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. Surdos o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 217-226, 2003. Disponível em: <www.periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282/4249>. Acesso em: 10 out. 2017.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC/PPGEP/LEP, 2000.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

APÊNDICE A – PRIMEIRA VERSÃO DO TEXTO O COELHO FLORIANO E O LOBO

O coelho Florêncio vivia muito feliz em sua casa.

Numa manhã um lobo bateu em sua porta pedindo comida.

Parecia simpático e cansado então Florêncio lhe convidou para entrar e lhe ofereceu um prato de sopa.

Mas, de simpático o lobo não tinha nada, muito rude manda o coelho embora de sua própria casa.

Chorando e muito triste o coelho sai pela estrada a fora e conta o que aconteceu aos seus amigos a gata Misha e o burro Juvenal.

A gatinha Misha sensibilizada foi até a casa para resolver a situação.

O lobo foi muito rude (hostil) e bateu com a bengala em Misha.

O burro Juvenal também não aceitou que o coelho ficasse sem a sua casa então, vai à procura do lobo.

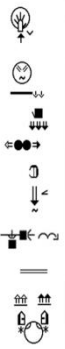
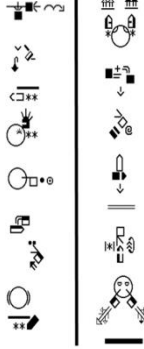

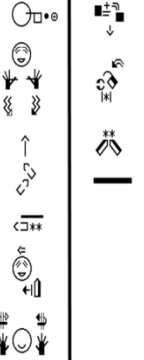
Mais uma vez o lobo se comporta de forma muito maldosa e escorraça o burro.

Diante de tal situação (dos acontecimentos) o burro carrega em seu lombo Misha e Florêncio a procura de ajuda.

Depois de um bom tempo de viagem eles encontram o cachorro Valente.

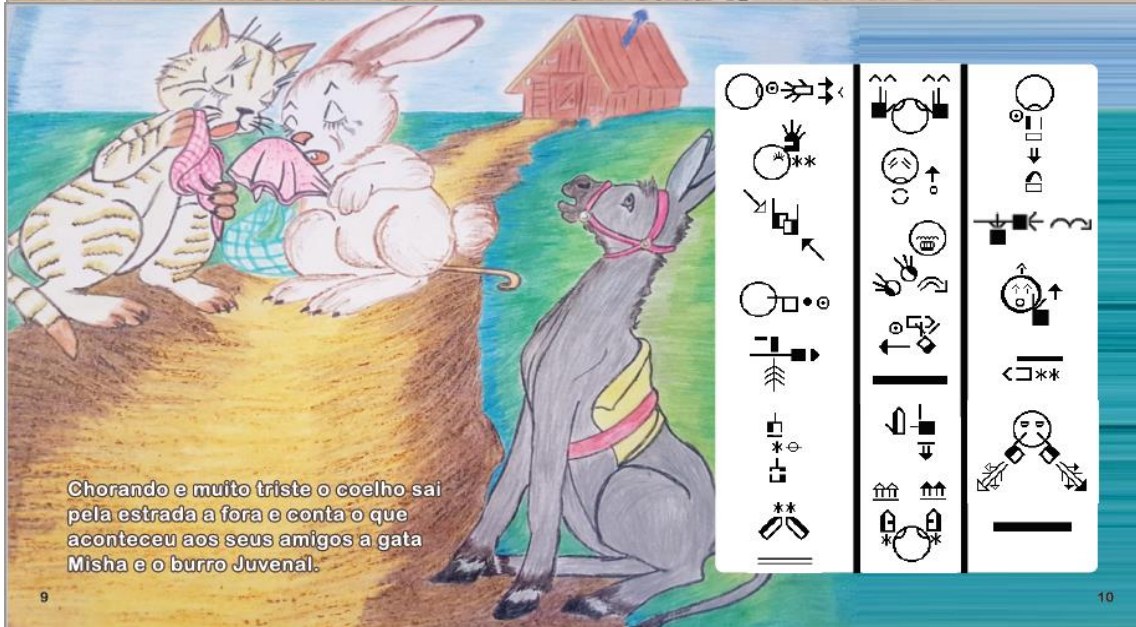
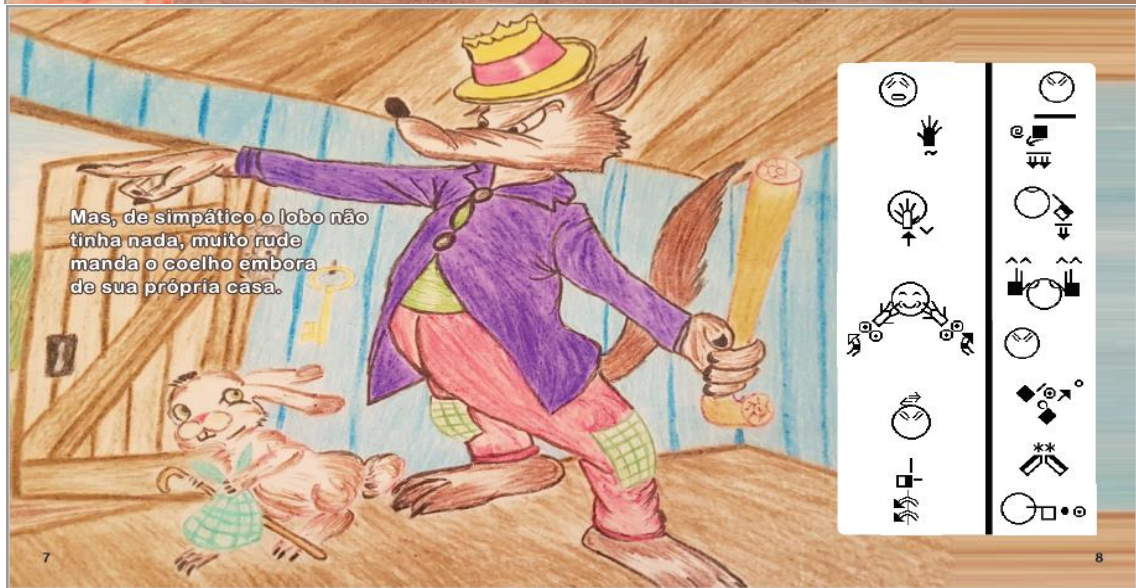
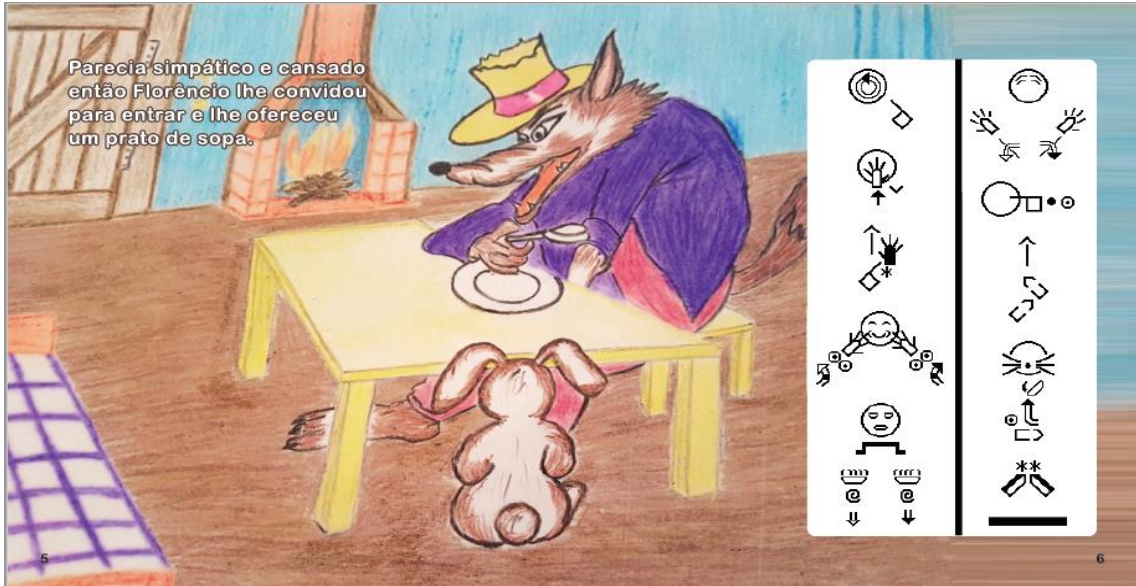
Valente ao saber do acontecido vai até a casa de Florêncio e com muita bravura expulsa o lobo.

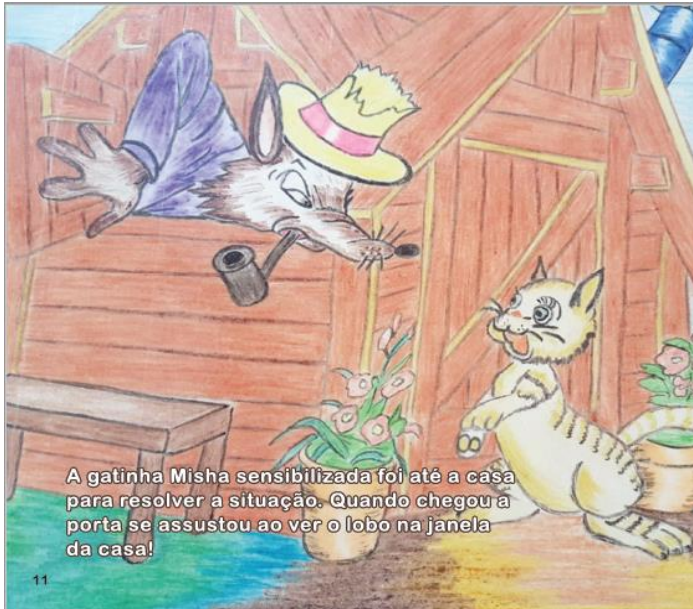
Muito feliz Florêncio convida seus amigos para festejar seu retorno ao lar.

	<p>Mais uma vez o lobo se comporta de forma muito maldosa e escurraça o burro.</p> <p>Lobo (nome) bateu com a bengala em Juvenal e burro saiu com dor tanto causa conversar foi impossível com lobo.</p> <p>Lobo bateu bengala Juvenal burr@ cavalo sair dor (expressão tanto) causa conversar impossível lobo</p>	 <p>Diante de tal situação (dos acontecimentos) o burro carrega em seu lombo Misha e Floriano a procura de ajuda.</p> <p>Juvenal chamou seus amigos Floriano e Misha subimos no seu lombo para a procura de ajuda e viajamos com cheio de lágrimas.</p> <p>Juvenal chamar amigos Florêncio Misha subir lombo burr@ cavalo motivo procurar ajudar caminharandar lágrimas</p>
	<p>Depois de um bom tempo de viagem eles encontram o cachorro Valente.</p> <p>Depoisbomtempo (expressão lento) tresviajarindo (expressão ganhar) cachorro Valente tresindo umindo (cl atender)</p>	 <p>Muito feliz Floriano convida seus amigos para festejar seu retorno ao lar.</p> <p>Florêncio felizmente convidar amigos vem festa motivo voltar morar</p>

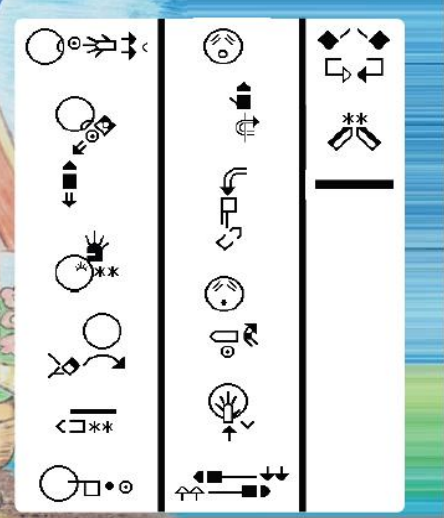
APÊNDICE C – PROCESSO DE DIAGRAMAÇÃO



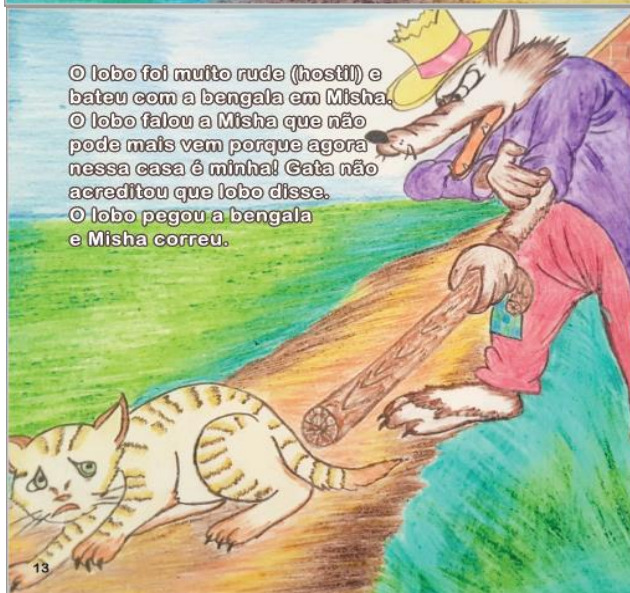




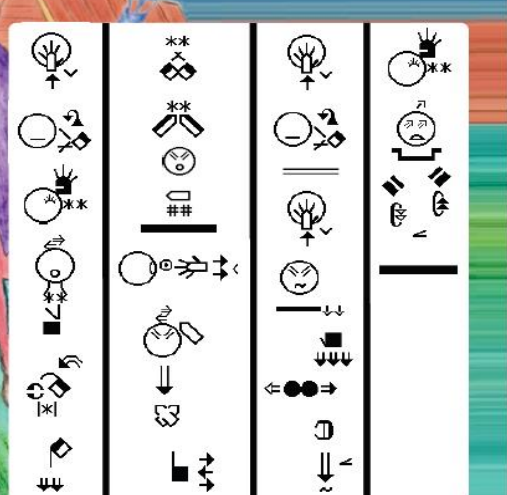
A gatinha Misha sensibilizada foi até a casa para resolver a situação. Quando chegou a porta se assustou ao ver o lobo na janela da casa!



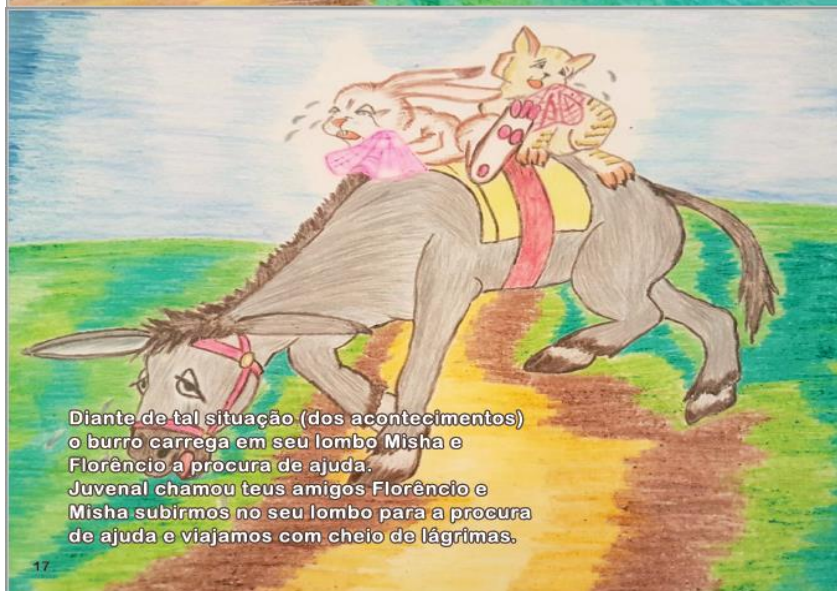
11 12



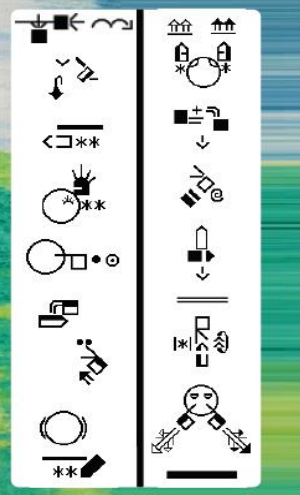
O lobo foi muito rude (hostil) e bateu com a bengala em Misha.
 O lobo falou a Misha que não pode mais vem porque agora nessa casa é minha! Gata não acreditou que lobo disse.
 O lobo pegou a bengala e Misha correu.



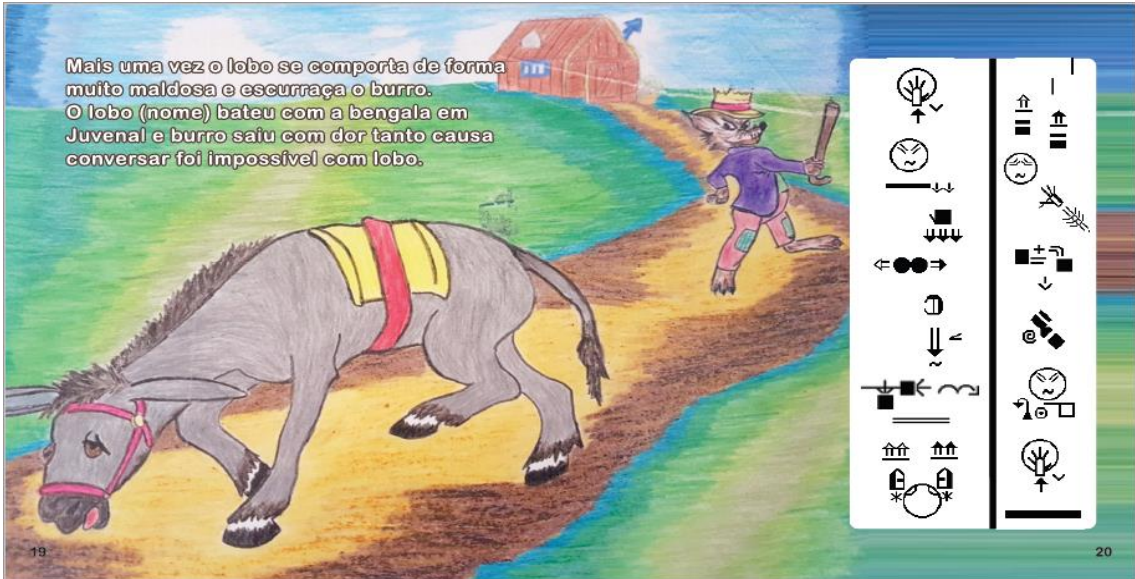
13 14



Diante de tal situação (dos acontecimentos) o burro carrega em seu lombo Misha e Florêncio a procura de ajuda.
 Juvenal chamou teus amigos Florêncio e Misha subirmos no seu lombo para a procura de ajuda e viajamos com cheio de lágrimas.



17 18



19

20



21

22



23

24

